

# In Memoriam

## 1925 - 2015

Maria de Jesús Simões Barroso Soares que morreu na madrugada desta Terça-Feira no Hospital da Cruz Vermelha em Lisboa onde fora internada dias antes, depois de queda que a levava a coma profundo, foi tão recordada e evocada desde esse dia fatal até este Sábado, por tão boa gente e com tanta emoção.

**A** sua existência exemplar descrita em pormenor por quem a conheceu nos múltiplos papeis que foi desempenhando ao longo da vida, sendo alguns deles papeis de arte dramática que, menina e moça, praticara com invulgar talento no teatro nacional de Lisboa, durante o pouquíssimo tempo que o regime de Salazar lhe consentiu antes de a proibir de lá representar, julgando assim cortar-lhe a voz mas enganando-se redondamente - ao longo de três décadas do antigo regime muito mais gente a foi ouvindo recitar poesia de, por exemplo, Manuel da Fonseca e Sophia de Mello Breyner, do que a teria visto no palco do D. Maria em «Benilde ou a Virgem-Mãe» - até porque a morte súbita de carreira teatral a levou à Faculdade de Letras de Lisboa onde encontrou Mário Soares, ficando desde esse dia o destino dos dois entrançado como dois troncos de uma coluna salomónica - dois seres independentes inexoravelmente agarrados um ao outro - tendo ambos marcado o Portugal democrático, desde antes da chegada deste no corredor aberto pelo movimento militar do 25 de Abril, de maneira hoje tão conhecida que para lhe prestar homenagem não seria preciso - nem, na realidade, possível - contar por miúdo neste curto espaço a parte dela nessa aventura que, começando por ser pessoal acabou por ser também nacional e europeia.



POR  
**José  
Cutileiro**

Embaixador.  
Cronista do Jornal  
*Expresso*

E foi parte muito grande. 'A mulher em casa, o homem na praça' dizia-se dantes - e praça era mais o mercado do trabalho do que o café do ócio - mas Maria Barroso foi muito para além desse papel tradicional. Única mulher na fotografia histórica que retrata os fundadores do Partido Socialista Português, em 1973, não figura nela como «esposa» mas como militante política por direito próprio que desde a universidade tinha sido e depois da criação do Partido continuaria a ser. (Vinha, como o marido, de tradição republicana activa e vitimizada contra a repressão do Estado Novo). Ao mesmo tempo, durante os muitos anos de perseguição, cativeiro e exílio de Mário Soares foi o pilar de estabilidade e responsabilidade que manteve materialmente e moralmente a família, dirigindo de maneira admirável o Colégio Moderno, espalmando filho e filha, assegurando porto de abrigo permanente onde Mário se podia recolher quando lhe deixavam tempo para isso. Da constelação de mãe, pai, filho e fi-

lha, foi ela desde o começo o centro e, nos maus e nos bons momentos, foi esse centro que sustentou tudo, até ao fim.

Conheci o casal ainda no tempo dos meus pais e três alturas houve em que calhou ter falado mais com ela do que me lembre noutras ocasiões. A primeira, a seguir ao assassinato de Humberto Delgado, era o Mário advogado da família, por coisas que ouvi em vila alentejana. Chegámos a ir os dois a Fátima entrevistar possível testemunha. Nessa altura Maria de Jesús falou-me sobretudo dos filhos adolescentes. A segunda, durante o PREC: víamo-nos muito quando eu vinha de Londres a Lisboa e nessa altura, fruta do época, a conversa girava quase sempre à volta das ameaças à liberdade - de que ela e o marido eram penhores. E a terceira em 1989, na África do Sul, quando o filho João chegou da Jamba entre a vida e a morte a hospital em Pretória, onde eu era embaixador. Foi lá ter antes do Mário, retido em visitas oficiais; ficou depois muitos dias; no começo a incerteza trazia-lhe grande sofrimento, explorou mais fundo do que alguma vez fizera antes cabeça e coração. Dessa vez, mais do que doutras, falámos de tudo.

As suas inteligência, grandeza de alma, doçura, simpatia e tolerância têm sido louvadas. Mas não esquecer a rizeja diamantina da sua fibra moral, alicerce onde tudo o resto assentava. ■

in Jornal *Expresso*, 11 de Julho de 2015